

Como vamos alfabetizar o nosso povo Mau Bere de Timor Leste

Alfabetizar é um acto político, por isso alfabetizar deverá ser politizar. Alfabetizar é a tomada de consciência das realidades da nossa Pátria. Alfabetizar não é só ensinar a ler e a escrever. Alfabetizar é, acima de tudo, uma forma de consciencialização política. Alfabetizar é despertar a consciência do Povo MAU BERE, é mostrar-lhe a sua situação de classe explorada, que é explorado. Sendo ele explorado, é o próprio Povo que deve lutar, sob uma vanguarda revolucionária, mais precisamente dentro da FRETILIN, pela sua libertação. Lutar fora de organização é anarquia, é dividir a força que deve estar unida, é aceitar a derrota antes de o ser, porque não há vitórias sem organização. Ao explorador interessa-lhe manter o Povo no obscurantismo para melhor o oprimir e explorar. Ao explorador interessa-lhe manter o Povo subjugado para melhor impor a sua ditadura de minoria sobre a maioria. É necessário distinguir o silêncio forçado da paz. O Povo Mau Bere, a voz do Povo Mau Bere foi silenciada durante séculos, mas ainda há irmãos seus, irmãos de nome, que querem prolongar por mais tempo esse silêncio forçado, para continuar a instalar-se no seu dorso e sugar a sua riqueza, o produto do seu trabalho, a exploração da sua mão de obra escrava.

No método de alfabetização proposto não há distinção entre professores e alunos. Há sim professores-alunos ou alfabetizantes e alunos-professores ou alfabetizados. Há professores-alunos porque por mais que um Homem saiba, ele não tem o pleno conhecimento de toda a realidade. Há muito a aprender com o Povo, fonte inesgotável da Sabedoria. Por outro lado, qualquer analfabeto literário não é nenhum analfabeto político. O facto de não saber ler nem escrever não quer dizer de modo nenhum que não tem conhecimentos, que não sabe pensar nem raciocinar. Antes pelo contrário qualquer homem, «letrado» ou não, pensa, raciocina e é capaz de debater problemas muitas vezes mais transcendentais.

Para ser eficaz, a alfabetização deve ser dada na língua materna. Na nossa Pátria sugerimos que seja em tetum. No entanto, camaradas de outras zonas podem adaptar a ideia geral aqui traçada à língua materna dessa zona. Cremos que há certas zonas onde encontrarão dificuldades porque há línguas que são dificilmente representadas em grafias. Ao propor o tetum não só estamos cientes de que mais de 50 por cento do Povo Mau Bere falam o tetum, mas essencialmente a construção de uma sólida UNIDADE NACIONAL.

Antes de entrar no método propriamente dito, são necessárias introduzir certas convenções para unificar a nossa grafia.

1 — Não haverá acentos ou apóstrofes;

2 — Todas as letras têm sempre o mesmo valor (som) para cada uma;

- a) As vogais «a, e, i, o, u» têm sempre o mesmo som (para cada uma), qualquer que seja a sua posição. Ex.: kohe, foho, niki, bidu, ita;
- b) Não há «c» nem «q», que são substituídos por «k». Ex.: kuda, surik, kilat;
- d) «G» seguido de «e» ou «i» tem sempre o valor de «gu» (em português). Ex.: Bagia;
- e) Só se escreve «h» onde este se pronuncia. Ex.: has, fehuk, hare;
- f) «J» tem sempre o som de «j» (em português). Ex.: janela, Jaku, tijolu;
- g) Os sons nasais são dadas por «n». Ex.: loron, inpostu, han;
- h) «S» vale sempre o som de «s», em qualquer posição. Ex.: sunu, lis, susuk;
- i) O som de «a» da palavra portuguesa «ia» é dado por «y». Ex.: goyabas. Se a letra anterior for «i», suprime-se o «y». Ex.: aiata;
- j) «V» pronuncia-se como em português. Ex.: vidru, livru, Vikeke;
- k) O som de «a» da palavra portuguesa «rua» é dado por «w». Ex.: kawa, Depois de «u», suprime-se o «w». Ex. Suai, bua, tuak;
- l) O som de «z» é sempre dado por «z». Ex.: ezami, kazaku, zaka;
- m) O som de «ch» em português é dado por «x». Ex.: xinelu, borraxa;
- n) Os sons em português de «lh» e «nh» pronunciam-se e escrevem-se da mesma maneira. Ex.: pilha, vinhu;

o) O abecedário completo será:

a b d e f g h i j k l m n o p r s t u v w x y z (24 letras)

Como dissemos atrás alfabetizar é politizar. É necessário que o Povo Mau Bere participe directamente na nossa luta pela libertação. A nossa libertação do jugo colonialista. A nossa libertação dos novos exploradores. A nossa libertação dos inimigos infiltrados dentro do nosso movimento. A nossa libertação do jugo dos oportunistas. Mas é necessário libertamo-nos das nossas ideias e dos nossos hábitos pequenos burgueses, dos nossos vícios durante o colonialismo e fomentados pelos exploradores. Esta é a batalha mais árdua da nossa luta, senão a mais árdua, para a qual devemos concentrar toda a nossa energia. É preciso destruir totalmente o sistema herdado para podermos construir algo de novo. Construir algo de novo que sirva realmente os verdadeiros interesses do Povo oprimido e explorado da nossa querida Pátria Timor-Leste. É necessário construir uma Sociedade Nova onde não haja exploração do homem. pelo homem. É necessário revolucionar as estruturas caducas da nossa Nação. É necessário fazer isto tudo na prática e não ficar apenas escrito em papel.

Correctamente o método consiste em:

- 1.º — Levantamento de vocábulos;
- 2.º — Secção de cerca de vinte termos, chamados termos geradores; e
- 3.º — Iniciação das sessões.

Reparem na combinação prática-teoria-prática. Este é o método científico para elaboração de qualquer teoria correcta, aquela que serve efectivamente a maioria explorada do nosso Povo Mau Bere. Aliás, a teoria só é correcta se for objectiva, isto é, relativamente a uma situação concreta, a uma determinada realidade.

O levantamento de vocábulos consiste em recolher localmente as palavras pronunciadas mais vezes. De entre elas seleccionamos umas vinte de modo a cobrir todo o abecedário. Não nos interessa a ordem a que são dadas as letras.

Esses termos ou palavras serão dados nas sessões. Não se trata propriamente de aulas, mas sim de sessões em que participam alfabetizante para coordenar as actividades e alfabetizados, no máximo de doze por turma, para adquirir os conhecimentos da escrita. A turma deve ter no máximo doze alfabetizados para poder ser rentável (dar rendimento positivo). No entanto, a falta de alfabetizantes tem-nos obrigado a ter turmas maiores.

Na primeira sessão escolhe-se uma das palavras seleccionadas, de preferência dissilábica, em que cada sílaba é formada de duas letras. Suponhamos que era a palavra «KUDA» (estamos a trabalhar em tetum). Antes de escrever a palavra no quadro preto, convidam-se os alfabetizados a falar sobre o termo «KUDA». Por exemplo, para que serve? Quem é que anda de cavalo? (escusado será dizer que a conversa é em tetum. Se for outra língua será nessa língua que se deve conversar). Porque o Mau Bere não tem carro? Falar de cavalaria: já existia exército antes da chegada dos colonialismos portugueses? Será que na guerra de Manu Fahl o exército servia os interesses do Povo Timor? E o golpe criminoso da reacção UDT de 11 de Agosto, estavam eles a defender o Povo? Qual foi a finalidade da criação do Comando de Defesa do Povo Mau Bere? O que é a FALINTIL? (Forças Armadas de Libertação Nacional de Timor Leste). Porque é que o Povo Timor pegou em armas contra os reacçãoários e traidores da nossa Pátria? etc, etc. Mas, atenção! Deve-se falar sempre da política mas não fuja do termo gerador «KUDA». É necessário que o alfabetizando retenha na memória a imagem do cavalo («KUDA»), para depois associar com a grafia «KUDA». Quando o assunto ou motivo ao cavalo está esgotado então escreve-se, SEMPRE COM LETRAS MAIÚSCULAS DE IMPRENSA, a palavra bem legível.

K U D A

Em seguida convidam-se os alfabetizados a escrever nos seus cadernos a palavra «KUDA». É muito importante que não se segure na mão do alfabetizando para que este não se sinta dependente e, portanto, inferiorizado. Termina, assim, a primeira sessão. É muito importante também não soletrar a palavra, isto é, não dizer «Kapa-u-de-a», nem dizer «Kapa-u-ku-de-a-da». Dizer simplesmente «KUDA». Não cansem muito os alfabetizados. Lembrem-se que eles tiveram oito ou mais horas a trabalhar durante o dia. Se eles quiserem, podem fazer exercícios em casa. Esses exercícios devem ser facultativos. Ninguém é obrigado fazer trabalhos de casa.

Continua no próximo número